



A MORTE DE CARLOS HENRIQUE

EVARISTO DE MORAES FILHO

ERA uma vez um menino, com treze anos de idade, chamado Carlos Henrique, que estava cursando o segundo ano ginásial e que gostava muito de latim, com surpresa de muitos e talvez inclusive de seu próprio professor. Sim, porque isso de gostar alguém de uma língua morta, da qual não se irá utilizar nunca em nenhum país por onde viaje, é realmente excepcional. Somente mais tarde, em cursos especializados ou por necessidade profissional, é que o latim vai se colocar no centro da cultura, como matéria de resistência.

Pois bem, Carlito era realmente um menino excepcional, por isso gostava de latim e de matemática. Em verdade, vos digo: gostava de todas as disciplinas, fazendo do seu estudo o que formalmente se encontra escrito no título da instituição — um curso de humanidades. Mas um dia, Carlito que era assim e era também alto, comprido e louro como uma espiga de milho, deixou de repente de viver. Não teve tempo de avisar a ninguém e nem ele mesmo sabia, mas sofreu um acidente de queda em sua própria casa, e morreu.

Por mais acostumada que esteja a raça humana com a fatalidade da morte, por mais que sucumbam milhares em cada guerra, por mais que se desintegram os novos aviões a jacto ou mesmo sem jacto, há ainda certas mortes que nos obrigam a parar e a pensar, como que nos chamam de repente à meditação da nossa condição humana. Surgem então as mais contraditórias filosofias, umas de consolo, outras de desespero. Os que acreditam em Deus, admitem que Ele sabe o que faz e que nem tudo é dado ao homem compreender, que muitas vezes escreve certo por linhas tortas. Só lhes cabe uma atitude — a de aceitação e de resignação diante da vontade divina.

Curioso, no entanto, é que a outra atitude muito se aproxima desta. Os que em nada acreditam e que, por isso mesmo, não encontram onde refugiar-se, também chegam ao mesmo resultado, embora por caminhos diversos. Verificam, então, o quanto vai de precariedade pela vida humana, o que se refugia aí de miséria e de fraqueza. As forças humanas encontram os seus próprios limites no que há de convencional, de criação artificial e cultural. Tirou disso, mistura-se o homem

como animal ao mesmo determinismo cego dos fatos da natureza. Pouco sabe e pouco pode.

Ainda há dias faleceu Giovanni Papini, que, no *Gog*, imaginou um diálogo entre ele próprio e Bernard Shaw. Entrando pela casa do grande criador de *Man and Superman*, comunica-lhe de chofre as últimas descobertas da ciência e as suas invenções mais ousadas no campo da eletrônica — e hoje diríamos da física nuclear. Nada perturbava o estranho autor de *Pigmalião*, que, afinal, expulsou da sala o repórter italiano que o foi entrevistar. E quando este ia saindo, ainda ouviu as suas últimas palavras, que diziam: "Que adiantam as suas descobertas, se não podem impedir que eu morra?"

E isso quem dizia era um ancião de mais de oitenta anos. Imagine-se agora o que não poderia exclamar um menino de treze anos, em perfeito estado de saúde, alegre, feliz e parecendo que tinha diante de si muitos e longos anos de vida! Morreu tão de repente como quem cai no sono, sem tempo mesmo de dar boa noite. Que sentiu, antes de cair para o acidente fatal? Talvez uma tonteira, lipotímia, como dizem os médicos, deixando para seus pais e para nós todos, seus amigos, a tristeza de sabê-lo morto, e parado para sempre aquêle pequenino coração, que parecia ainda no início de milhões de outros batimentos.

Morte de criança deixa sempre um travo de amargo desalento, porque parece que a natureza se compraz em zombar da criatura humana: criando em vão, destruindo em pleno crescimento, quando ainda se encontra muito longe o termo final do desenvolvimento completo. É a vida frustra, morrendo quando ainda muito podia viver, tirando à razão qualquer argumento lógico e deixando em seu lugar o vazio e a estupefação irracional.

E aqui, então, encontram-se as duas explicações do universo: a religiosa ou a simplesmente humana, ambas surpresas, ambas perplexas, tendo de reconhecer que o imprevisível é a essência da própria vida, escapando à fragilidade humana a previsão e o controle dos acontecimentos. E para o problema da morte, só há uma resposta: a vida é um ato de fé, os que ainda vivem esperam continuar vivendo. Nada mais do que isso.